



MINISTÉRIO DE ENSINO
Servo e Filho

2010



**ISLAMISMO: RESULTADO DE UMA PRECIPITAÇÃO PATRIARCAL E DA
NEGLIGÊNCIA CRISTÃ**



ISLAMISMO: RESULTADO DE UMA PRECIPITAÇÃO PATRIARCAL E DA NEGLIGÊNCIA CRISTÃ

Para tentarmos compreender o Islamismo primeiramente devemos olhar através de outras lentes além dos nossos paradigmas; cosmovisão.

Maomé era analfabeto quando teve a primeira visão do anjo. O seu primo era cristão e podemos supor que Maomé também fosse, pois cresceu nesse ambiente religioso onde Deus era chamado de Allah. Apesar de contrito a Deus, Maomé não era atuante em sua fé até a experiência na caverna.

Temos que admitir que apesar da sua rudeza, Maomé foi o criador de uma das maiores religiões do mundo. Isso deve ser reconhecido e respeitado nele. Era monoteísta e defendia os mais necessitados. Após a morte da sua primeira esposa, casou-se com muitas outras mulheres para não deixá-las desamparadas.

O início do Islamismo é contado a partir da fuga de Maomé para Medina. Atrocidades semelhantes aos cometidos no início do Islã muito se parece com as diversas formas reprováveis que temos dos judeus e cristãos ao longa das suas histórias. Somente Cristo foi perfeito. Por isso, só a Ele devemos seguir.

Seguir a Cristo exige de nós uma vida de renúncia. Devido Maomé não ter encontrado nos cristãos da época um modelo a ser seguido, ele buscou formar um povo que, na sua visão, representasse fielmente a Deus (Allah). Naquela época não havia tradução da Bíblia em Árabe, e os exemplos pessoais eram pífios. A informação que tinham do Evangelho era pouco, o que fez com que acreditassem no que Maomé dizia pois tudo estava em sua língua e o profeta estava junto a eles.

É necessário compreender claramente quem era Maomé e o que ele ensinou. Nascido em Meca no ano 570 d.C. ele se tornou órfão logo cedo, vindo a ser criado por seu tio. Sua cidade natal era considerada sagrada por muitos e tinha grande relevância comercial. Os árabes, seus contemporâneos, eram politeístas, cultuando além de Allah a outras divindades.



O povo não era satisfeito com a religião que tinham. Os cristãos e judeus da época não se interessavam em pregar a mensagem da Bíblia para os árabes. Essa oportunidade era fundamental, pois o monoteísmo era admirado por Maomé e muitos outros. A primeira esposa de Maomé era de família cristã e foi através dos costumes cristãos que ele aprendeu que Deus abominava a idolatria.

Historicamente, desde Ismael e Isaque, que árabes e judeus não se dão bem. O orgulho de ambas as partes fez com que nem Maomé e nem judeus ou cristãos tivessem um encontro com a intenção de estudarem a Bíblia. Se isso tivesse ocorrido, com certeza a história hoje seria outra. O conhecimento bíblico que Maomé teve foi ínfimo e de ouvir falar por alguns indoutos, haja vista ele também ser analfabeto.

Aos 40 anos, Maomé afirmou ter sido visitado pelo anjo Gabriel, e como não haviam missionários na Arábia, ele entendeu que estava sendo chamado para essa finalidade. Levou mais dois anos para ele novamente ser visitado pelo anjo e, ao recitar palavras que afirmava vir de Allah, seus amigos escreviam o que ele falava. Isso deu credibilidade de que a mensagem era divina e não humana.

A mensagem original trazida por Maomé e a forma que ele foi tratado, a princípio, pela elite da sua sociedade, muito se assemelha com a resistência que os judeus tiveram com Jesus. Mais um forte indício para aqueles que passaram a crer em suas palavras. Foi necessário que muitos de seus seguidores fugissem para um país cristão para depois retornarem à sua terra, e nem assim pregaram o Evangelho para eles.

A ideia de Maomé era ter entre seus pares o mesmo nível de influência que Moisés tinha com Israel. À princípio, ele desejava que os fiéis ao Islamismo viessem pela fé em Allah e não pela força, mas esse pensamento não durou muito tempo. Após a morte da sua primeira esposa, ele casou-se com muitas outras mulheres, dentre elas uma criança de 7 anos, um verdadeiro ato de Pedofilia.

Como suas ideias e atitudes não agradavam ao povo de Meca, ele e seus adeptos fugiram para Medina no verão do ano 622 d.C. A essa fuga deram o nome de Hégira. Assim como os historiadores chamaram de *Anno Domini* a data



do nascimento de Jesus, começando assim uma nova contagem de tempo, para os muçulmanos o ano de 622 ficou conhecido como *Anno Hegirae*, ou seja, um novo calendário para aquele povo.

Já em Medina, considerando que os judeus interpretaram erroneamente as escrituras sagradas, Maomé achou-se no direito de fazê-los interpretar corretamente, segunda sua visão. Ele os acusava de omitirem as revelações a seu respeito na Bíblia. Como os hebreus não aceitaram essa reinvidicação e não o considerava o Messias dos Judeus, esse povo foi considerado inimigo do Islã. Na visão de Maomé, na passagem de Abraão, enquanto o cordeiro simbolizava Cristo, o carneiro simbolizava Ismael, o pai do povo árabe. As convicções judaico-cristãs que ele tinha foram demovidas, e eventos como o Ramadã e a veneração à Meca substituíram o Yom Kippur (dia do perdão, ou da expiação) e Jerusalém.

Com a dedicação que Maomé tinha, se ele tivesse conhecido o Evangelho, seria um novo Paulo entre os árabes? É possível que sim. Ele, como uma pessoa de conversa envolvente, aproveitou a instabilidade política e financeira de Medina e tornou-se o referencial para aquele povo, tanto na fé como nos negócios.

Agora estabelecido como um sistema político-religioso, o Islã passou a exigir a conversão de todos. Se não fosse pela fé, seria pela força. Após 13 anos de tentativa de converter pela persuasão, agora o faria pela força, se necessário. A partir daí, muitos roubos, assassinatos e genocídios passaram a ocorrer em nome de Allah, assim como a igreja católica o fez na Idade Média. *Ad Majore Dei Gloriam!* (Tudo para maior glória de Deus).

Os judeus, como já era costume em toda a sua história, e hoje não é diferente, passou a ser perseguido e massacrado, agora pelos muçulmanos. Maomé cria que era uma orientação do anjo Gabriel, mas essas atitudes não tinham nada de Divino, ao contrário, era um desacordo aos ensinamentos de Jesus.

Maomé criava novas revelações de acordo à sua conveniência. Mudava a Lei para casar com quem queria e era idólatra quando isso o satisfazia. Voltou atrás na sua orientação de paz, criando combustível para o terror, forçando as

peças a se converterem à sua fé. Rebaixava Jesus em suas pregações e tentava a Deus com desafios bizarros. Quando o Evangelho chegou até ele já era tarde: o seu ego já o dominava e cegava. Ele morreu com 60/61 anos e a dúvida entre dois possíveis sucessores criou um cisma entre seus seguidores. Para uns, era o seu genro Ali; para outros, era o companheiro Abu Vale.

O Islã continuou a crescer quer fosse pela fé ou pela força, e analisando a vida de Maomé à medida de Cristo, ele foi achado em falta e se tornou um grande falso profeta.

ENTENDENDO UM POUCO MAIS SOBRE O ISLÃ

O Islã prega princípios de fé muitas vezes comuns com o Cristianismo e com o Judaísmo, sobretudo a existência de um único Deus e a abominação à idolatria. No entanto, o lado positivo do Islamismo é que eles buscam ser fiéis aos seus princípios, mas por outro lado diferentes interpretações têm tornado esta religião um canal de violência e discriminação.

Os principais livros que regem a doutrina islâmica são o Alcorão e o Hadith. O primeiro é o livro sagrado deles; enquanto o último é uma coleção de literaturas que interpreta esta religião.

O Alcorão reflete a cultura de um povo e sua conduta. Foi escrito após a morte do fundador do Islã, Maomé, e assim como a Bíblia, foi passada inicialmente de forma oral sendo depois colecionado e compilado no modelo atual, do mesmo modo que a Septuaginta fez com a Palavra de Deus. Esse livro possui 114 capítulos (suras), organizado do mais longo ao mais curto. Não há a preocupação quanto a comprovações históricas ou coerência entre os seus textos. Diferentemente da Bíblia, que um dos princípios hermenêuticos é a Inerrância, o Corão muitas vezes se contradiz sobre o mesmo assunto. Escrito originalmente em Árabe, muitos dos seus fiéis não falam este idioma e decoram os textos apenas ouvindo-os. Não se aceita a tradução deste livro por crerem que isso fará com que se perda a essência original da revelação.

O Hadith, por sua vez, não tem o mesmo glamour do Alcorão, mas também é muito respeitado e seguido pelos muçulmanos. Conforme Keith, “as coleções dos Hadiths registram tudo o que Maomé e os primeiros muçulmanos fizeram os disseram” (2013,115). Desta forma, o “Hadith é de autoridade secundária em comparação ao Alcorão, muitas vezes referem-se ao Hadith para a orientação diária” (2013,115). Vê-se aqui uma clara distinção do Cristianismo que considera a Bíblia como sua única fonte de fé e prática, não admitindo nenhum outro livro como complemento de fé.

Quando se juntou os dois livros supracitados viu-se a necessidade de se organizar as leis determinadas por eles, criando-se assim a Sharia. Ela é entendida como a vontade divina em ação em cada momento da vida do fiel. Ela é a Lei fundamental do Islã.

Se não bastasse existirem vários livros versando sobre a vida do muçulmano, há ainda diferentes escolas que os interpretam, São elas: A Escola Hanafi que “[...] permite uma interpretação liberal do Alcorão através de raciocínio analógico” (Keith:2013,116); a Escola Maliki que se baseia “[...] nas práticas dos companheiros de Medina no desenvolvimento do Direito” (Keith:2013,116); a Escola Shafi'i que também é adepta de uma interpretação mais liberal, sendo amplamente aceita em países como o Egito, Palestina, Jordânia, Paquistão, Índia e Indonésia; e a Escola Hanbali, sendo a escola oficial na Arábia Saudita, Catar, Síria e Iraque, e tem por princípio rejeitar “[...] a inovação legal além do uso literal do Alcorão e Hadith. Nem mesmo o sultão e o califa poderiam interferir nas decisões tomadas pelos juízes religiosos”. (Keith:2013,117).

As diversas interpretações do Alcorão não podem ser estranhas ao Cristianismo, uma vez que temos igrejas e credos para todos os gostos. Divergimos de pontos básicos da fé. A grande diferença é que no caso dos Cristãos a maior consequência pode ser privar o crente de algumas experiências espirituais; enquanto que no Islã essas divergências podem gerar até mesmo a morte dos seus fiéis, e principalmente, daqueles que rejeitam seus pensamentos.

A doutrina islâmica possui os pilares da fé que norteiam a moral e a ética dos seus seguidores. São eles:

- Confissão de Fé, onde declaram que existe um só Deus e que o profeta divino é Maomé. Esta confissão de fé é o suficiente para se tornar um muçulmano, desde que o faça de coração. O monoteísmo é herança da fé do chamado de Abraão, cujo filho Ismael foi o pai desse povo. Maomé, apesar de reverenciado, não é admitido que o adorem.
- Adoração e Oração, atribuindo a Deus toda a honra devida por Ele ser o Criador, juiz do universo e Preservador de todas as coisas. Não existem regras específicas para a oração, sendo que eles adotam pelo menos 06 posições para este momento. Até a quantidade de vezes que se deve orar não está prevista no Alcorão, sendo normalmente aceito o ato de orar 05 vezes ao dia. Guardam o sábado e a adoração precede a oração. O curioso é imaginar essas práticas, uma vez que o Islã não acredita num Deus presente na vida cotidiana do fiel, tampouco que mantenha um relacionamento íntimo com eles.
- Caridade e Escolas, como forma do ser humano demonstrar gratidão à providência divina em sua vida. Creem que esses atos purificam a sua alma.
- Jejum, praticado principalmente no mês do Ramadã, considerado sagrado por acreditarem ter sido nessa época que Maomé recebeu as revelações divinas do Alcorão. A abstinência é total durante o dia, podendo alimentar-se à noite. A negligência deste ato torna a pessoa reconhecida como um infiel.
- Peregrinação a Meca, indo obrigatoriamente ao santuário Ka'aba onde creem ter sido construído por Adão, e reformado por Abraão e Ismael após o dilúvio. Nela está guardada a Pedra Negra, um meteorito considerado sagrado por eles.
- Jihad, considerado um esforço pela fé de luta contra os incrédulos. Devido crer na Trindade, os Cristãos são considerados idólatras e, portanto, passíveis de punição. Com base nesse ato, muitas ações de terror têm ocorrido em todo o mundo.



Basicamente, o Islamismo crê: em um único Deus; nos mensageiros divinos; nas escrituras e revelações, onde afirmam que o Alcorão é o único livro verdadeiro de Deus, sendo completo e inalterado; nos anjos, principalmente por crerem que a revelação a Maomé veio por intermédio de Gabriel; no Dia do Juízo, onde todos serão julgados; no poder e no plano infinito de Deus, sendo que tudo está debaixo da Sua onipotência e onisciência; no propósito da vida, que basicamente é adorar a Deus; no estado digno do homem, sendo este o embaixador de Deus na Terra; no Islã Universal, sendo que todos nascemos muçulmanos, mas muitos se desviam da fé; na Liberdade, Responsabilidade e Pecado, onde nenhuma pessoa nasce pecadora, sendo o pecado consequência consciente dos seus atos; a Salvação através das crenças e práticas, sendo impossível ser salvo sem pôr em prática a fé que professa; na não responsabilidade pelos não alcançados, onde a pessoa só se torna responsável após conhecer o caminho correto a seguir; a bondade da natureza humana, sendo a maldade a menor parte da personalidade e que a chance de sucesso é superior à possibilidade de fracasso de se chegar à vontade divina; a fé sendo completada por convicções, sendo inabalável a qualquer situação; no Alcorão como a única palavra perfeita de Deus; e nas tradições de Maomé.

Quanto ao exposto acima, admiramos muitos dos seus pontos, a exemplo do monoteísmo, mas existem divergências gritantes em muitos outros tópicos. O próprio livro sagrado deles vai encontrar divergências que veremos posteriormente, não podendo ser considerado infalível como eles creem. Quando se referem ao poder de Deus, realmente Ele não fica inerte às coisas que ocorrem na Terra, no entanto, baseando-nos em textos bíblicos como II Crônicas 7:14 e Salmo 115:16 percebemos que o Senhor deu ao ser humano domínio sobre este planeta e este é o único responsável pelo que acontece aqui. Ao escolher o Seu povo, Deus deixou em sua responsabilidade administrar a Terra, sendo que Ele só interferirá nas questões básicas se este povo primeiramente se humilhar, orar, buscar a Sua face e se converter dos seus maus caminhos. Esta competência atribuída ao homem é corroborado em Gênesis 1:26 e também reconhecido pelo Islã quando considera o homem um embaixador de Deus, mas incorre em erro quando crê na pureza humana. Pela fé cristã, todo ser humano está distante da Glória Divina, conforme Romanos 3.

A inexistência do pecado original para o Islã é base de fé para Judeus e Cristãos, sobretudo a este último, motivo pelo qual Cristo veio morrer para mudar o destino da humanidade. Esta possibilidade é rejeitada enfaticamente pelos muçulmanos. Mesmo após ter reconhecido a Jesus como seu Senhor e Salvador, o ser humano não deixa de ser pecador, só que agora a diferença é que nele habita o Espírito Santo de Deus, que leva o pecador ao arrependimento após a sua falha. O pecado deixa de ser uma rotina para se tornar uma exceção, mas isso não o torna infalível, conforme I João 3:9. Quando o Islã considera a sua fé universal, assemelha-se ao Catolicismo, porque ambos creem que todo ser humano nasce na sua fé, e depois desviam-se para outras crenças.

A comunidade muçulmana hoje está representada em grupos distintos, a saber: os xiitas (que creem na descendência direta de Maomé na liderança do Islã), os Sunitas (grupo a que pertencem o Estado Islâmico), Wahhabi, Ahmadiya, Nação do Islã, dentre outros. Todos os grupos compartilham de uma mesma base de fé, o que os acaba unindo. No entanto, muitos deles estão debaixo de governos ditatoriais e opressores.

A cultura ocidental traz grande repulsa aos muçulmanos devido ao seu liberalismo. Para eles, "a Democracia significa que o homem é independente do Criador" (Keith:2013,152). Por isso, evita-se a todo custo que os seus filhos sejam "contaminados" com esses costumes, limitando o acesso a essas coisas. O Cristianismo é visto como uma religião Ocidental, e somado a acusação já apontada de idolatria, o Islã crê que os Cristãos fogem do propósito de adorar a Deus. Muitas vezes é apresentado um Jesus americanizado, fora da cultura do Oriente Médio, berço das principais religiões e do próprio Deus encarnado.

Todos os grupos no Islã adotam uma das duas visões de sucessão no Islamismo. 85% deles são Sunitas e 15% são Xiitas.

Os Sunitas não veem a necessidade da sucessão de Maomé ocorrer apenas por seus descendentes. Apoiam o primeiro grupo de sucessores após a morte do seu profeta, a saber: Abu Bakr, Umar e Uthman, sendo que o líder é considerado um Califa.

Os Xiitas creem na descendência direta de Maomé e eles são da linhagem de Ali e de Husayn, personagens marcantes na caminhada da fé. Aos

sucessores dão o título de Imã, pessoas infalíveis e existiram apenas 12 até hoje. O último deles, Muhammad Al-Mutazar, deixou uma doutrina que é considerada fundamental para esse grupo.

Essa visão Xiita põe em xeque a afirmação da imutabilidade e infalibilidade do Alcorão, uma vez que o seu livro sagrado possui pontos importantes divergentes de todo o restante do Islamismo. Se este livro é tão completo como dizem, como é permitido tamanhas discrepâncias? O próprio Islã demonstra fragilidade dentro das suas próprias fortalezas. Existe maior segregação política entre os Muçulmanos do que entre os Cristãos. É muito improvável existir comunhão entre Xiitas e Sunitas.

A corrente religiosa conhecida como Ahmadiya é adepta do misticismo e possui uma posição contemplativa do Islã. É oriunda do fundador Mirza Ghulam Ahmad e possui doutrinas distintas que fazem clara segregação dos demais grupos islâmicos. Priorizam a espiritualidade em detrimento do Legalismo. Devido contradições importantes, a exemplo de terem apresentado um novo profeta além de Maomé, este grupo não é considerado muçulmano, e seu fundador foi declarado como herege, blasfemo, impostor e inimigo da fé. A essência desse grupo é extremamente anticristã. Apesar do não reconhecimento por parte dos demais integrantes do Islã, eles se declaram muçulmanos.

Percebe-se que o nascimento do Islamismo é uma prova clara de falta de visão missionária dos Cristãos daquela época. O anseio dos Árabes por estarem incluídos no plano Salvífico de Deus e a ausência do Evangelho traduzido para a sua língua fez com que eles buscassem a revelação divina em outras fontes. Importante frisar que naquela época existiam judeus e cristãos vivendo na região árabe, e não se preocuparam em levar a Palavra do evangelho àquele povo. A iniciativa de Maomé veio sanar a fome e preencher o vazio daquele povo.

O resultado dessa derrocada missionária assemelha-se ao fermento perder para a massa. Em Mateus 13:33, Jesus declarou, conforme a NTLH:

Jesus contou mais esta parábola para o povo: O Reino do Céu é como o fermento que uma mulher pega e mistura em três medidas de farinha, até que ele se espalhe por toda a massa.

A igreja é como o fermento que é espalhada na massa, que é o mundo. Normalmente, basta um pouco dele para modificar toda a massa, e se ela não é modificada é porque o fermento está com problema. Se o local onde a igreja está inserida não muda é devido a falha de visão missionária ou de caráter. Quando Keith afirma que "onde o Dar al-Islam é estabelecido, a igreja enfrenta o crescimento no sentido inverso" (2013,169) fica nítida que o fermento não teve forças para modificar a massa. Convém salientar que o Dar al-Islam é a autoridade territorial e política muçulmana.

Para o Islã, a crucificação de Cristo é algo impossível de ter ocorrido, pois não creem que um Deus bondoso matasse alguém como Jesus para purificar o homem pecador. O Apóstolo Paulo já predisse isso em I Coríntios 1:18. Conforme a NTLH:

De fato, a mensagem da morte de Cristo na cruz é loucura para os que estão se perdendo; mas para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus.

A unicidade muçulmana pode ser interpretada como uma estratégia diabólica para atrair fiéis sob a alegação de não serem idólatras. Mas toda cópia é uma fraude do original. No sentido original da palavra, Satanás é o principal travesti, ou seja, aquele que se traveste do que não é. Ele se apresenta com uma imagem piedosa e justa para atrair pessoas para a sua doutrina. Isto nos foi alertado pelo Apóstolo Pedro em I Pedro 5:8 e pelo próprio Jesus em Mateus 24:24.

Uma das provas do engodo diabólico está nos motivos que levam os seguidores islâmicos a praticarem a Jihad. O Islã é contrário ao suicídio, mas ele se torna aceitável quando atende ao propósito da visão de uma minoria. O Fundamentalismo Islâmico usa a violência para propagar sua visão religiosa, social e política. Naturalmente, é um pequeno grupo fundamentalista que pensa desta forma, haja vista que a essência do fundamentalismo "é um sistema religioso que tenta mostrar como todos os aspectos da vida deveriam ser vividos, a fim de estar em completa submissão a Allah e à sua vontade" (Keith:2013,189).

No entanto, um grupo minoritário "transpira ódio amargo às ideias ocidentais, incluindo Capitalismo, Individualismo e Consumismo"

(SWARTLEY:2013,190). Sob esta égide, acham-se no direito de matar a todos aqueles que forem contrários à sua visão, ainda que sejam também um muçulmano.

Os muçulmanos são muito místicos, buscam respostas no oculto, mas mesmo assim afirmam ser uma religião monoteísta. A vertente islâmica mais afeita a este comportamento é chamada de Islã Popular, ou Islã Comum. Estes praticam o Misticismo, o Animismo e outras manifestações particulares. A fé que eles praticam adequa-se à necessidade do momento.

O Islã crê que Deus é um ser distante, sem comunhão íntima com o ser humano. Por isso, recorre a outros seres espirituais buscando explicação para seus sucessos ou fracassos. Esta necessidade, este vazio impenetrável, é uma oportunidade de ouro para os Cristãos pregarem a Cristo, pois Ele é a união indelével entre a criatura e o Criador. Quando o muçulmano é confrontado com textos como I Timóteo 2:5 e I João 2:1 ele percebe que o nosso Deus não é um ser distante, insensível, mas sim o único capaz de quebrar os grilhões do pecado e de nos tirar da solidão.

A Psicanálise crê que todo homem tem um vazio, e por este motivo busca se relacionar com outro ser humano. Acontece que o próximo também possui um vazio, por isso não se completam. Para o Evangelho, este vazio é do tamanho de Cristo. Só Ele pode suprir a necessidade humana. O poder supremo está somente em Cristo. Conforme a NTLH, em Colossenses 1:16:

Pois, por meio dele, Deus criou tudo, no céu e na terra, tanto o que se vê como o que não se vê, inclusive todos os poderes espirituais, as forças, os governos e as autoridades. Por meio dele e para ele, Deus criou todo o Universo.

Falando de Jesus Cristo, Isaías 61:1 cita conforme a NTLH:

O SENHOR Deus me deu o seu Espírito, pois ele me escolheu para levar boas notícias aos pobres. Ele me enviou para animar os aflitos, para anunciar a libertação aos escravos e a liberdade para os que estão na prisão.

Por não terem acesso a essas promessas, uma vez que a sua visão está distante da proposta do Reino de Deus, ao muçulmano resta recorrer ao misticismo, a outros seres espirituais para buscar respostas e soluções aos seus anseios. O mais importante em toda essa situação é que os braços de Cristo estão abertos a todos que o reconhecerem como seu Senhor e Salvador, até mesmo os muçulmanos. Desta forma, as promessas contidas na Bíblia não encontram barreiras.

Uma das maiores críticas do Islã ao Cristianismo é que muitas vezes professamos uma fé que não vivemos. Assim como Jesus e seus Apóstolos fizeram milagres e curas, eles esperam também ver em nós o mesmo nível de poder para poderem crer que somos discípulos de Cristo.

Dentro da história do Islã encontramos disputas de poder da mesma forma que encontramos no Judaísmo e Cristianismo. Alegando ter o mesmo direito que Maomé tem por parte dos muçulmanos de ser admirado, apareceram os Sufis, um povo que requeria o mesmo reconhecimento sem querer pagar o preço que o profeta pagou para chegar onde chegou. Encontramos no Judaísmo o caso de Coré, Datã e Abirão requerendo o lugar de Moisés, assim como os filhos do sacerdote querendo o mesmo poder dos apóstolos, conforme relata o livro de Atos 19: 13-17.

A visão missionária cristã não pode ficar presa a ótica discriminatória ou exclusiva. A mensagem de Cristo foi dada a todos os homens que quiserem se aproximar de Ele. Os cristãos foram chamados para ser pacificadores. Paulo, em Colossenses 3:15 diz para que os cristãos sejam dirigidos pela Paz de Cristo, e o Apóstolo Pedro fala em I Pedro 3:15 que o Cristão saiba responder a todos os que pedirem a razão da sua fé. Não convém àquele que professa o nome de Cristo buscar confronto, mas mostrar a diferença que Ele fez em sua vida.

A pessoa de Maomé é reverenciada no Islamismo como o profeta mais importante abaixo de Deus. Os cristãos creem que ninguém se iguala a Jesus Cristo. A abordagem missionária deve ser feita com base no exposto em Efésios 4:2 respeitando a crença alheia ainda que se discorde dela.

Conflitos e divergências sempre trouxeram muito mais dano do que lucro na história da humanidade. A origem muçulmana deu-se de uma decisão

precipitada de Abraão ao ouvir a voz de sua mulher em detrimento à voz de Deus, coabitando com sua serva Hagar e mais tarde a expulsão desta pela esposa do patriarca, indo vagar no deserto, onde Deus ouviu o seu clamor. Os muçulmanos creem que Ismael foi o filho da promessa, baseado em Gênesis 17:20. Se desde o início não houvesse sido dado espaço ao conflito, é possível que hoje não houvesse essa separação entre os filhos de Abraão.

Os pontos polêmicos entre o Islã e o Cristianismo devem ser discutidos com base na Bíblia, guiado pelo Espírito Santo de Deus. Não basta convencer o muçulmano sobre a Trindade, nascimento virginal de Cristo ou a obra redentora de Jesus. É necessário buscar a transformação do caráter da pessoa para que tenha a mente transformada numa mente santa, conforme Hebreus 12:1, I Coríntios 2:16 e Filipenses 4:8. Jesus declarou em João 8:46 que ninguém o convencia de pecado, pois Ele é santo e devemos ser iguais a Ele (I João 2:6 e I Pedro 2: 21-23).

OS PRIMEIROS SECULOS DO ISLAMISMO – O ISLÃ APÓS MAOMÉ

Importante deixar claro que até a morte de Maomé, o livro que ele considerava sagrado era a Bíblia, sobretudo, o Velho Testamento, haja vista que o Alcorão foi escrito após a sua morte e homologado 14 anos após seu falecimento. O pensamento dominante em Maomé era monoteísta, com sérias críticas ao Politeísmo, e mais tarde, à Trindade e Deidade de Jesus.

Na mente de Maomé, ele era do mesmo nível de Jesus e dos profetas. Ele cria que tinha recebido a revelação divina igual a eles. Sua fé era precipuamente baseada no Antigo Testamento e ele não encontrava conflito entre o que ele pregava e o que estava escrito nessa parte da Bíblia. Como traduzi-la para o idioma árabe não era a prioridade dos cristãos da época, o que chegou do Evangelho até Maomé foram fragmentos da verdade mal explicada. Ele, bom estrategista que era, conseguiu unir e trazer para si a fé dos árabes,



MINISTÉRIO DE ENSINO
Servo e Filho
2010



<http://www.servoefilho.com.br>

servoefilho@uol.com.br
(11) 99152-9914

numa versão monoteísta, sem, contudo, desprezar os termos que eles usavam para identificar a Deus e demais elementos importantes à fé da região.

Maomé jamais criticou Jesus, mas a sua falta de conhecimento o reduziu a um simples profeta, afirmando que Cristo não morreu na cruz sendo transportado vivo ao céu momentos antes da sua morte; outra pessoa teria substituído ele na cruz. Acreditava, ainda, que o Consolador anunciado por Jesus dizia respeito a ele, Maomé, como aquele que iria unir todo um povo no mesmo propósito.

Apesar de Maomé ter sido mais tolerante aos cristãos do que aos Judeus, ele proibia que os muçulmanos se aconselhassem com eles, pois acreditava que a Bíblia tinha sido distorcida por esse povo e se houvesse essa aproximação seriam convencidos a deixar o Islã.

A desunião entre os cristãos é, até hoje, o maior entrave para a proclamação do Evangelho entre os povos e não só entre os Muçulmanos. A busca pela união entre o seu povo e a reforma religiosa desejadas pelos árabes jamais seriam alcançadas dentro de uma estrutura cristã. O maior atrativo que encontraram em Maomé foi a sua sinceridade, transparência e convicções religiosas. Ele amava o seu povo e vivia aquilo que ele cria e pregava.

O povo árabe preferiu seguir um sistema político mais benevolente apresentado pelo Islamismo em detrimento à opressão exercida pelos cristãos bizantinos daquela época. Se não fosse pela fé, o fato de se converterem à essa nova fé garantia a eles impostos mais baratos e alívio da opressão.

Enquanto muitos cristãos acostumam-se a ter uma mente de escravo, entre os muçulmanos o lema é “busque o conhecimento do berço até o túmulo”. Eles rejeitam todo e qualquer ensino politeísta ou que fira a mensagem do seu livro sagrado, enquanto nós, cristãos, preferimos aceitar qualquer ensino nas nossas escolas mesmo que fira a Bíblia. Esse é um dos motivos que somos rejeitados por eles: dizemos ser cristãos, mas não defendemos nossa fé.

REFERÊNCIAS

SWARTLEY, Keith E. **Descobrimdo o mundo do Islã**. Curitiba, PR: Esperança, 2013. 574 p.